

AS COISAS NÃO PRECISAM SER COMO SEMPRE FORAM: O DETERMINISMO NARRATIVO DOS CONTOS DE FADAS CONFRONTADO EM "THE GLASS COFFIN" DE A.S. BYATT¹

Maria Cristina MARTINS² (UFU)

RESUMO: Tomando como base a releitura "The Glass Coffin", produzida a partir do conto dos irmãos Grimm de mesmo título, o propósito central deste trabalho é discutir como as intervenções de Byatt na história tradicional confrontam o determinismo narrativo típico dos contos de fadas, num gesto concreto de rejeição dos enredos prescritivos, deterministas, que circunscrevem a esfera de ação de personagens femininas, enclausurando-as em situações de extrema opressão, de energias paralisadas, de morte em vida.

ABSTRACT: Taking into consideration Byatt's "The Glass Coffin" – a rereading of a Grimms's tale with the same title – the purpose of this work is to discuss how Byatt's interventions in the traditional story makes it possible to confront the narrative determinism, typical of fairy tales, revealing an underlying rejection of the determinist, prescriptive plots that circumscribe the sphere of action of female characters, imprisoning them in situations of extreme oppression, of paralyzed energies, of death in life.

A. S. Byatt é uma das inúmeras escritoras contemporâneas que, dentro de uma ótica feminista, têm se dedicado à tarefa de reler clássicos da literatura infantil, como forma de contestar noções distorcidas de gêneros sexuais, ratificadas pelos contos de fadas. O determinismo narrativo dessas histórias é um dos principais alvos atingidos pelo revisionismo dessa autora que, entre outras coisas, chama nossa atenção para o modo como as narrativas ficcionais sobre a vida das mulheres têm sido "histórias de energias paralisadas" (BYATT, 1994, p. 120) e insiste que as coisas não precisam ser como sempre foram. Tomando como base a releitura "The Glass Coffin", produzida a partir do conto dos irmãos Grimm de mesmo título, o propósito central deste trabalho é discutir, como as intervenções de Byatt na história tradicional confrontam o determinismo narrativo típico dos contos de fadas, num gesto concreto de rejeição dos enredos prescritivos, deterministas, que circunscrevem a esfera de ação de personagens femininas, enclausurando-as em situações de extrema opressão, de energias paralisadas, de morte em vida.

A releitura "The Glass Coffin" integra a coletânea *The Djinn in the Nightingale's Eye* (1994), na qual Byatt redimensiona o conto de fadas como gênero literário, conferindo nova tonalidade a antigos temas, subvertendo mensagens tradicionais embutidas nos contos e explorando também os aspectos positivos de muitas dessas histórias. Ao adotar convenções tradicionais dos contos de fadas, tais como consagradas fórmulas, encantamentos mágicos, concessão de desejos, jornadas que envolvem perigos, Byatt coloca em questionamento a própria forma convencional de narração das histórias infantis.

No conto dos Grimm que ela relê em "The Glass Coffin" temos a história de um modesto alfaiate, cujo grande feito é conseguir libertar uma princesa e todo o seu reino, que se encontravam enclausurados em redomas de vidro, como resultado da vingança de um feiticeiro, perito em magia negra, que não teria aceitado a rejeição da princesa. Como recompensa por sua façanha, o alfaiate adquire o direito de se casar com a princesa e a história dos Grimm é concluída com a informação de que "a donzela, de acordo com sua promessa, deu sua mão em casamento ao alfaiate sortudo" (1987, p. 174)³.

Apesar de a releitura proposta por Byatt conservar o mesmo título e seguir basicamente o enredo do conto dos Grimm, estamos diante de uma outra história que dirige nosso olhar para aspectos desconsiderados ou silenciados na história tradicional. A autora consegue conferir esse novo colorido à sua versão da história, ao valer-se de estratégias narrativas de cunho revisionista. A manutenção do título original, por exemplo, é uma delas, pois favorece o reconhecimento do intertexto reescrito por Byatt, o que é algo relevante em se tratando de revisionismo.

¹ Este trabalho é parte integrante de minha tese de doutorado: "E foram(?) felizes para sempre..." : (Sub)Versões do Feminino em Margaret Atwood, A. S. Byatt e Angela Carter, desenvolvida sob a orientação da Profa. Dra. Sandra Regina Goulart Almeida e defendida na UFMG em 18 de abril de 2005. A pesquisa contou com o apoio financeiro da bolsa CAPES/PDEE.

² Email para contato: mariacristina@triang.com.br

³ "the maiden kept her promise and gave her hand at the altar to the lucky tailor". As citações de trechos do conto "O caixão de vidro", dos Grimm, provêm de "The Glass Coffin" (In Zipes, 1987: 170-174. Vol.II).

O entrelaçamento de aspectos de outras histórias ao reler o aprisionamento da princesa de "The Glass Coffin" num caixão de vidro é outra estratégia empregada por Byatt para desviar a história dos Grimm de seu curso original. A determinação do período do encantamento "cem anos num caixão de vidro" não consta no conto dos Grimm que Byatt reescreve, e sim no da Bela Adormecida. O aprisionamento no caixão de vidro, por sua vez, também nos remete ao conto da Branca de Neve. A transparência do caixão revela a objetificação a que essas mulheres são submetidas em suas respectivas histórias, tendo em vista que, mantidas ali, ficam completamente expostas sobretudo ao olhar masculino. As heroínas dos três contos têm algo em comum: encontram-se como mortas-vivas, enclausuradas, à espera do príncipe que as libertará do longo sono resultante de encantamento. O entrelaçamento dos três intertextos pode ser visto como uma estratégia revisionista, por colocar em evidência o grau acentuado da objetificação feminina nas mãos de homens nessas histórias e a forma como a vida de muitas heroínas dos contos de fadas é marcada por uma ausência de agenciamento e de possibilidades de escolha.

O desfecho da história dos Grimm é outro alvo de revisão na releitura de Byatt. Apesar de sutil, a diferença entre os finais dos dois textos é digna de menção, pois a releitura confere menor ênfase à questão do matrimônio nos moldes convencionais. Enquanto a história dos irmãos Grimm é concluída com a informação de que "naquele mesmo dia, a donzela manteve sua promessa e deu sua mão no altar ao sortudo alfaiate" (1994, p. 170)⁴, a voz do narrador de Byatt emprega a voz passiva e limita-se a nos dizer que a protagonista teria informado ao irmão que o alfaiate "havia obtido a mão dela em casamento". Além disso, a releitura deixa claro que o final feliz do texto revisionista de Byatt não seria decorrência do casamento, mas sim da satisfação de cada um poder fazer o que gosta: "E assim aconteceu, e eles realmente viveram felizes para sempre. O jovem homem e sua irmã caçavam nas matas selvagens e o pequeno alfaiate, cujas inclinações não pendiam para esse lado [...] fazia por prazer o que antes precisava fazer por severa necessidade" (1994, p. 23)⁵. Com isso, Byatt quebra a tradicional associação do final feliz com o casamento, comum nos contos de fadas.

Um outro aspecto relevante a ser considerado é a forma como Byatt recorre a estratégias metaficcional em "The Glass Coffin", para colocar em questionamento, por exemplo, o determinismo narrativo observado em muitos contos de fadas. Entre as diversas estratégias narrativas de caráter metaficcional, identificadas nessa releitura, encontram-se, por exemplo, a inscrição de conhecimento prévio sobre as histórias, os enredos ou convenções; a introdução da incerteza, de questionamento ou de comentário acerca de aspectos, de convenções ou de significados tradicionais da história submetida à revisão; a abertura de espaço para o leitor; e, por fim, a relação estabelecida entre ficção e realidade.

Em se tratando da inscrição de conhecimento prévio, em "The Glass Coffin" nota-se que especialmente o protagonista de Byatt revela conhecer outras histórias similares envolvendo o enclausuramento e o resgate da personagem feminina. O uso repetido do verbo saber pode ser interpretado como uma instância de caráter metaficcional em função do efeito que produz na releitura. No texto de Byatt, praticamente nada é surpreendente, ou seja, já se tem noção do que vai acontecer. O herói sabe de antemão tanto o que é esperado dele como o possível resultado de suas ações:

ele *sabia* — era sempre assim, afinal — que a verdadeira aventura era a libertação dessa dorminhoca, que viria a ser, então, a sua noiva agradecida (Byatt, 1994, p. 14, grifo meu)⁶.
ele *sabia* que essa era a fechadura para a sua delicada e extraordinária chave (1994, p. 14, grifo meu)⁷.
a dorminhoca abriu os olhos ... e o pequeno alfaiate, como *sabia* que isso era o que deveria fazer, curvou-se e beijou a face perfeita (1994, p. 15, grifo meu)⁸.

Vê-se que o alfaiate reconhece com grande facilidade aspectos centrais das histórias recorrentes que tratam de situações semelhantes à vivida no conto dos Grimm. Esse conhecimento prévio coloca em evidência a previsibilidade de muitos dos enredos de contos de fadas semelhantes ao conto que está sendo reescrito nessa releitura, revelando o determinismo característico de muitas das histórias infantis.

É significativo que nessa releitura de Byatt, também a heroína demonstre conhecer o tipo de história na qual se encontra:

⁴ "on that very same day, the maiden kept her promise and gave her hand at the altar to the lucky tailor".

⁵ "And so it was, and they did live happily ever after. The young man and his sister went hunting in the wild woods, and the little tailor, whose inclination did not lie that way [...] made for pleasure what he had once needed to make for harsh necessity".

⁶ "he knew - it is always so, after all - that the true adventure was the release of this sleeper, who would then be his grateful bride".

⁷ "he knew that this was the key hole for his wondrous delicate key."

⁸ "the sleeper opened her eyes ... and the little tailor, because he knew this was what he must do, bent and kissed the perfect cheek."

A bela dama ... foi ouvida murmurando que o *feitiço era como era o feitiço*, que um beijo recebido depois da desintegração triunfal do caixão de vidro era uma promessa, como todos os beijos o são, sejam eles recebidos voluntaria ou involuntariamente (1994, p. 20, grifo meu).⁹

Nessa passagem, Byatt coloca em evidência o caráter determinista de contos como o que originou essa releitura e também chama nossa atenção para a passividade e impotência de personagens femininas como a protagonista de "The Glass Coffin", Branca de Neve e A Bela Adormecida, que saem de um tipo de aprisionamento e acabam mergulhando em outro, ao passarem a pertencer a seus libertadores.

Os exemplos discutidos demonstram que a inscrição do conhecimento prévio é estrategicamente manipulada por A.S. Byatt em "The Glass Coffin", de modo que as fronteiras entre ficção e crítica tornam-se temporariamente indistintas no processo de construção da releitura, o que faz da própria escrita ficcional um instrumento eficaz para o questionamento do caráter determinista de muitos contos de fadas consagrados pela tradição.

Assim como o conhecimento prévio das histórias, a introdução da dúvida, do questionamento ou de comentário sobre aspectos ou significados convencionais do processo de escrita dos contos de fadas são também de caráter metaficcional. Ao construir a releitura do conto dos Grimm, Byatt provoca deslocamentos narrativos que deslegitimam aspectos importantes da história que está sendo reescrita, como é o caso da ênfase no casamento da princesa com o seu libertador. O tom irônico do questionamento feito pelo alfaiate no que concerne à razão de a princesa ter de se casar com ele pelo simples fato de ele a ter libertado (1994, p. 20) ridiculariza a lógica convencional da história, segundo a qual o resgate fica atrelado ao casamento e também insinua que o desfecho da história não precisa ser necessariamente como sempre foi. O questionamento ganha peso adicional quando o alfaiate introduz a incerteza e ao mesmo tempo oferece à heroína de Byatt a opção de escolher livremente o que pretende fazer: "*Quando e se você for reintegrada ao seu lugar de direito, à sua casa ... acredito que você estará livre para reconsiderar a questão, e permanecer, se você quiser, só e solteira*" (1994, p. 20; grifos meus).¹⁰

A introdução da dúvida é feita por meio das conjunções "quando" e "se" e vem subverter o determinismo característico do discurso monológico dos contos de fadas. A chance oferecida à heroína de poder rejeitar o casamento com o alfaiate, se for essa sua vontade, tem um impacto revisionista triplo. Faz com que a figura masculina liberte a jovem sem lhe impor um novo tipo de aprisionamento, permite que a jovem viva de acordo com suas próprias escolhas e, por fim, reduz a importância atribuída ao casamento nos contos de fadas, especialmente no caso das mulheres.

Outra importante intervenção narrativa de Byatt verificada em "The Glass Coffin" é a abertura de espaço para diálogo com o público leitor, importante, sobretudo por quebrar a tradicional recepção passiva, típica no caso dos contos de fadas. Um exemplo disso pode ser observado logo após a fala do alfaiate, na qual ele oferece a possibilidade de escolha à princesa. A voz que narra a história dirige-se aos leitores da seguinte maneira:

E vocês podem perguntar a vocês mesmos, meus queridos e mais inocentes leitores, se ele falou ali mais por delicadeza ou simulação, tendo em vista que a jovem pôs tal ênfase em entregar-se de livre e espontânea vontade e também que o castelo com seus jardins eram nobres e suficientemente belos para que qualquer homem desejasse passar seus dias lá (1994, p. 20).¹¹

A interlocução estabelecida tem pelo menos duas implicações significativas. Uma delas seria que os leitores não são encarados como meros receptores passivos da história, mas engajados com o mundo criado por meio de palavras, de ilusões verbais, dentro do texto ficcional.

A outra seria decorrência do tom irônico de "meus queridos e mais inocentes leitores"¹², que antecede o questionamento levantado quanto às reais intenções do alfaiate, pois produz o efeito de ridicularizar o tipo de leitura acrítica que aceita passivamente o que o texto apresenta e instiga os leitores a terem uma atitude

⁹ "The beautiful lady ... was heard to murmur that the spell was as the spell was, that a kiss received after the successful disintegration of the glass casket was a promise, as kisses are, whether received voluntarily or involuntarily".

¹⁰ "When and if you are restored to your rightful place, and your home ... I trust you will feel free to reconsider the matter, and remain, if you will, alone and unwed".

¹¹ "And you may ask yourselves, my dear and most innocent readers, whether he spoke there with more gentleness or cunning, since the lady on giving herself of her own free will and since also the castle with its gardens were lordly and handsome enough for any man to wish to spend his days there".

¹² "my dear and most innocent readers".

desconfiada diante dos fatos narrados, tomando como parâmetro o que acontece no mundo fora do texto. Como bem observa Waugh, pelo menos enquanto dura a leitura, o mundo ficcional "é tão 'real' quanto o cotidiano" (1984, p. 104).¹³

Há uma outra passagem em seguida, cujo tom é ainda mais irônico: "E vocês, *meus sagazes leitores*, terão percebido e compreendido que Otto seria o mesmo cão de caça no qual o jovem irmão da donzela do caixão havia sido transformado" (1994, p. 22, grifo meu)¹⁴. A ironia põe a descoberto a obviedade do desenrolar dos fatos em histórias previsíveis como a que Byatt reescreve em "The Glass Coffin", atingindo também a questão do determinismo característico dos contos de fadas.

A última instância metaficcional a ser discutida seria a relação estabelecida entre ficção e realidade em "The Glass Coffin". Em *Metafiction* (1984), Patricia Waugh chama nossa atenção para o fato de que os "mundos alternativos" criados pelos textos ficcionais são construídos por meio da linguagem e, como os demais discursos, não são, de forma alguma, entidades autônomas, ou seja, sua construção linguística sempre evoca os contextos do mundo cotidiano. A metaficção como estratégia narrativa tenta evidenciar exatamente como ficção e realidade são ambas linguisticamente construídas (1984, p. 101).

Em "The Glass Coffin", a inserção de diferentes comentários acerca de eventos da história desestabiliza a forma convencional de narração dos contos de fadas. Logo no início, por exemplo, deparamo-nos com a seguinte informação: "um alfaiate ... viajando através de uma floresta, em busca de trabalho talvez, pois naqueles dias os homens viajavam longas distâncias para ganhar um pobre salário" (1994, p. 3)¹⁵. Nessa passagem, a busca de uma possível justificativa para a presença da personagem num lugar tão inóspito como a floresta só faz intensificar a improbabilidade da situação descrita.

Isso também é observado em duas outras passagens que se encontram um pouco adiante. O texto nos diz que o alfaiate "imaginava um encontro feliz em cada esquina, *embora fosse difícil ver como isso aconteceria*" (1994, p. 3, grifo meu)¹⁶. E o próprio alfaiate, ao ser recebido numa casa no meio da floresta, diz: "Sou um viajante perdido nas matas ... e um exímio artista, *procurando trabalho, se é que é possível encontrar-se algum*" (1994: 4; grifo meu)¹⁷. Ao inscrever na narrativa os dois comentários destacados acima, Byatt mostra como são improváveis e descabidas as afirmações feitas em ambos os casos. A importância desse fato está em permitir que seja colocada em questionamento "a conexão causal entre os detalhes da 'superfície' e as leis 'científicas', 'profundas' da existência" (WAUGH, 1984, p. 7)¹⁸, que é algo recorrente na escrita metaficcional contemporânea.

Em *Changing the Story* (1991), ao discutir a metaficção feminista como "re-visão", Gayle Greene destaca a importância crescente do emprego de estratégias metaficcionais como táticas revisionistas em textos de autoras contemporâneas britânicas, canadenses e americanas, especialmente no que concerne ao relacionamento estabelecido com a tradição herdada, com os enredos do passado. Os exemplos discutidos no presente estudo dão mostras de como esse tipo de escrita ficcional que insere comentários sobre suas próprias convenções narrativas pode operar como uma ferramenta de grande utilidade no âmbito da crítica feminista.

O ato de colocar as estruturas da ficção em evidência, como observa Greene, significa "chamar a atenção para a convencionalidade dos códigos que governam o comportamento humano, para revelar como tais códigos têm sido construídos e como podem, portanto, ser alterados" (1991, p. 2)¹⁹. Em se tratando do revisionismo de Byatt em "The Glass Coffin", o recurso à metaficção contribui para o questionamento de aspectos importantes do processo tradicional da narração dos contos de fadas, como, por exemplo, o determinismo narrativo. Em se tratando do revisionismo dos contos de fadas e da centralidade da questão de gênero dentro do presente estudo, vê-se que as intervenções de Byatt na história tradicional são esforços para que a releitura consiga, entre outras coisas, rejeitar o fechamento em finais absolutos, conclusivos e colocar em questionamento aspectos prescritivos e o determinismo narrativo típico dos contos de fadas, de modo a chamar a atenção do público leitor para o fato de que as coisas não precisam ser como sempre foram.

¹³ "is as 'real' as the everyday world".

¹⁴ "And you, *my sagacious readers*, will have perceived and understood that Otto was the very same hound into which the young brother of the lady of the coffin had been transformed".

¹⁵ "a tailor ... journeying through a forest, in search of work perhaps, for in those days men travelled great distances to make a meagre living".

¹⁶ "imagined a fortunate meeting around every corner, *though how that should come about was hard to see*".

¹⁷ "I am a traveller lost in the woods ... and a master craftsman, *seeking work, if any is to be found*".

¹⁸ "the causal connection between 'surface' details and the 'deep', 'scientific laws' of existence".

¹⁹ "to draw attention to the conventionality of the codes that govern human behavior, to reveal how such codes have been constructed and how they can therefore be changed".

Referências Bibliográficas

BYATT, A. S. The Glass Coffin. In: _____. *The Djinn in the Nightingale's Eye: Five Fairy Stories*. New York: Vintage, 1994. p. 1-23.

GREENE, Gayle. *Changing the story: Feminist Fiction and the Tradition*. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 1991.

WAUGH, Patricia. *Metafiction: The Theory and Practice of Self-Conscious Fiction*. London and New York: Routledge, 1984.

ZIPES, Jack (Ed. e Trad). *The Complete Fairy Tales of the Brothers Grimm*. New York: Bantam, 1987.